

A JANELA CALEIDOSCÓPICA: EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE ATRAVÉS DA GEOGRAFIA DA ARTE

The kaleidoscope's window: education and sensibility through geography of art

Valéria Cristina Pereira da Silva¹

RESUMO

O presente texto consiste num relato de experiência no ensino superior sobre a forma, os conteúdos e as atividades trabalhadas a partir da disciplina Geografia da Arte. O objetivo central desta proposta consistiu em explorar os saberes, o imaginário e a memória presentes nas obras de arte, como instrumental para interpretar e analisar o espaço, a paisagem, o lugar. A relação entre a cidade e a arte e suas formas de representação foi foco central da experiência analítica, de modo que, a educação do olhar, a percepção e a sensibilidade fossem trabalhadas no processo construtivo de um trajeto semiótico. Uma geografia da arte, assim como, a geograficidade foi se delineando no espaço sensível das representações, no poder imagético da paisagem, na afetividade manifesta no lugar. O papel fundamental da imaginação no processo de conhecimento e a elaboração textual gerada ao longo do percurso completaram o trajeto poético empreendido pela disciplina.

Palavras-Chave: Geografia. Arte. Cidade. Sensibilidade. Imaginação.

ABSTRACT

This paper consists in a university education experience report about the form, the contents and the activities worked from the Geography of Art course. The central objective of this proposal consisted exploring the knowledge, the imaginary and the memories founded at works of art, as instrumental to interpret and to analyze the space, the scenery, the place. The relationship between city and art and your representation form was a central focus of analytics' experience, so that, the education of the look, the perception and the sensibility was worked in constructive process of a semiotic trajectory. A Geography of Art, as well as the geographicity was delineating at sensible space of the representations, at imagery power of the landscape, at manifest affectivity in the place. The fundamental paper of the imagination at knowledge's process and the textual elaboration generated at all route had completed the poetics trajectory undertaken by the course.

Keywords: Geography. Art. City. Sensibility. Imagination.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG). vpcsilva@hotmail.com.

✉ Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Av. Esperança, Campus Samambaia. 74690-900. Goiânia, GO.

INTRODUÇÃO: VISÕES ENTRELAÇADAS DA CIDADE/ARTE

A disciplina Geografia da Arte foi ministrada ao longo do segundo semestre de 2011 na Universidade Federal de Goiás (UFG) e consistiu numa interessante experiência que reuniu educação do olhar e sensibilidade através da Geografia e da Arte no ensino superior. Partindo do espaço urbano como lugar da arte e de manifestações artísticas, a disciplina teve como proposta discutir e analisar imagens urbanas apresentadas através da arte, ou seja, presentes nas obras ou nas manifestações artísticas nas quais a cidade é o lócus, explorando essas interconexões.

A disciplina orientou-se com base nos autores que trazem distintas dimensões da relação entre arte e cidade, tais como Peixoto (2004), Argan (1998), Benjamin (1995), Schapochnik (1998), Calvino (1990), Freire (1997) e também em autores que trazem novas perspectivas de uma educação para a sensibilidade, como Kirinus (2008, 2011), Araújo (2008) e Morin (2006).

A disciplina fora pensada como o processo de construção de uma “edição” com o título *A Janela Caleidoscópica: visões entrelaçadas da cidade*. Assim, todas as experiências dos alunos com a cidade, paisagens urbanas, arte/imagens foram textualizadas; a discussão e apresentação de temas no interior da disciplina tornaram-se vetores de criação e reflexão. As aulas foram intercaladas em suas dimensões prática e teórica. A parte teórica se deu através das aulas expositivas e com debate sobre os autores. Para apoiar a discussão utilizamos diversas imagens de obras de arte. Entre elas, pinturas, sobretudo de Magritte e Vermeer mas também de Monet, Bosch, Brugel entre outros. Fotografias, cartões postais, vídeos relacionados à temática da disciplina completaram o conjunto de obras utilizadas. A partir delas todo um processo de educação do olhar com referenciais semióticos

foram operacionalizados, tais como, identificar e observar elementos icônicos, temporalidades, traços culturais e convenções, assim como a verbovisualidade presente nas imagens que compõe as obras selecionadas.

Na parte prática os alunos não apenas desenvolveram atividades relacionando o apreendido na disciplina com o vivido na cidade, como também buscaram cada vez mais reconhecer na arte elementos para pensar a cidade, assim como a arte na própria cidade enquanto objeto de conhecimento, de reflexão, de contemplação e de intervenção. Nessa perspectiva, uma série de atividades extraclasse foram executadas e compartilhadas, no contexto da aula, em forma de textos, leituras e debates. Dentre elas foram realizados trabalhos que englobaram temas como a Cidade e a Memória: lembranças, paisagens e experiências; A obra de arte contemporânea e a cidade: relações e possibilidades (a obra utilizada para o estabelecimento dessa atividade foi Warm White (1980), de Laura Vinci, uma escultura composta de fixos e fluxos e materiais de distintas naturezas que se conectam). Outro trabalho foi caminhar pela cidade buscando detalhes pouco observados, com a proposta: Inexistências? O silenciado, o invisível e o ausente. “Fotografias Urbanas em forma de Cartões Postais” foi tema de análise aos quais utilizamos principalmente cartões-postais da cidade de Goiânia. A apresentação e discussão do texto “Cartões Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade”, de Schapochnik (1998) apoiou essa atividade interpretativa que se seguiu à “visita ao cartão-postal” por parte dos alunos, em que a própria paisagem fora reinterpretada a partir da imagem-lembrança que esses lugares admirados possuem.

Outra atividade, a partir do tema “A cidade e sua imagem na literatura”, levou cada aluno a receber um “canudo” contendo o nome de uma cidade invisível de Ítalo Calvino e uma pequena **descrição-**

convite desta cidade a qual ele iria encontrar na leitura do livro *As cidades invisíveis*. Essa atividade consistiu em analisá-la e relacionar com as nossas cidades contemporâneas, produzindo um texto.

O desdobramento da disciplina contemplou seminários ainda com o tema “cidade e literatura” e uma oficina intitulada “As palavras da cidade ou a cidade de palavras?”, trabalho que foi inspirado na oficina itinerante de literatura *Lavra-Palavra* teorizada e executada por Glória Kirinus (2008).

A retomada da **flanerie baudelariana**, a partir de W. Benjamim (1989) foi teorizada a partir do tema-recorte sobre “ver o invisível”, que culminou com uma reflexão sobre os monumentos na cidade contemporânea. Por fim, os alunos assistiram à palestra “A Escrita Sensível” ministrada pelo Prof. Eguimar Felício Chaveiro, completando o tema Geografia e Literatura.

Podemos agrupar os tópicos trabalhados na disciplina em três grandes blocos que se fundiram na conexão dos temas explorados, entre eles destacamos a utilização de obras das artes plásticas no primeiro bloco. No segundo a ferramenta fundamental foi a literatura e no terceiro, as teorias que nos permitiram esses laços com a Geografia a partir da Cidade, do espaço urbano e de sua paisagem. Nesses blocos articulados de conteúdo foram exploradas a percepção, a memória e a imaginação. Tais atividades tornam-se experiências escritas que resultaram em “retratos” tirados da nossa **Janela Caleidoscópica** através da qual olhamos, sensivelmente, a cidade com lentes da Geografia, da Arte e das Imagens diversas que compõem o nosso cotidiano urbano.

Assim, o texto que segue ao longo deste relato, em forma de tópicos, é uma tentativa de fazer um esboço do que foi trabalhado na disciplina de forma mais detalhada, apresentando parte dos resultados que evidencia o que foi produzido neste contexto pelos alunos e o modo como eles interagiram com os conteúdos trabalhados.

A sensibilidade do olhar foi uma tônica ao longo do trajeto e nas etapas seguintes deste relato detalharemos o conjunto da proposta. Porém, cabe esclarecer que a disciplina, de modo algum, se assemelhou a um curso de história da arte ou tampouco uma discussão circunscrita ao âmbito das artes visuais. Mas foi essencialmente uma disciplina de Geografia da Arte², em que obras de diversa natureza (artes plásticas: pintura, escultura, fotografia; assim como a literatura, a filmografia) figuraram como instrumentos e meios para refletir sobre o espaço em que atuamos, para ver a paisagem e compreender as relações e representações nas quais a cidade foi o foco central.

Cabe ainda dizer que este relato não detém apenas a minha escrita, mas na forma de citação está também a escrita de muitas mãos, pois os textos produzidos em sala ajudam a apresentar os resultados. O envolvimento dos alunos que participaram da aventura de apreender outras formas de olhar e pensar a cidade/arte foi o elemento primordial e que proporcionou este acontecimento: uma Geografia da Arte.

CIDADE E A MEMÓRIA: LEMBRANÇAS, PAISAGENS E EXPERIÊNCIAS

Cidade e a Memória: lembranças, paisagens e experiências foi o exercício de rememorar a própria experiência na cidade da infância e suas transformações. Antecedida pela abordagem sobre o conceito de memória e sua importância, esse trabalho contou entre outros elementos com a música *Paisagem da Janela*, de Lô Borges e Fernando Brant. Pusemo-nos a pensar na própria paisagem descrita nessa letra, discutimos as metáforas que hidratavam nossa disciplina – a janela e o caleidoscópio – e uma espécie de processo catártico, de

² A elaboração da ementa desta disciplina contou com a participação inestimável da Professora Ms. Carolina Machado Rocha Busch Pereira da Universidade Federal do Tocantins.

que toda atividade de lembrar é atravessada, nutriu o exercício. Essa nostalgia foi percebida como algo dúbio: perturbador e ao mesmo tempo gratificante. Nas falas, diagnosticou-se que lembrar traz uma dor e também uma imensa alegria. Essa percepção foi interseccionada com a obra de Bosi (1994), na afirmativa de que lembrança é trabalho. Esse trabalho resultou numa paisagem afetiva da cidade, das cidades lembradas pelo grupo: sua profusão de ontem e hoje, resultou também numa descrição afetiva e textual. Nessa escrita de mãos dadas, segue o mosaico da memória afetiva da cidade da infância dos alunos de Geografia da Arte: um texto de fragmentos que tem na montagem a sua imagem, o seu sentido:

A cidade da memória vem com o jardim do meu avô, onde eu regava os dias que não chegavam nunca. Gritava competindo com o som do sino na porta. Vi prédios de edifício verticalizados serem construídos e casas desaparecendo³. Uma viagem regada de nostalgia ao passado: o encarei e ele sorriu e chorou, sentindo cheiros e texturas. Imagens, livros, gostos do passado formaram um ateliê de lembranças: recordações – sabores que formaram meu gosto por sabores- O gosto das jabuticabas que haviam na cidade⁴. O aroma das jabuticabas, eucaliptos e magas também exalavam perfumes. Na praça, as flores, lagos, os vendedores de jabuticaba e o sol como uma lâmpada acesa no azul do céu⁵. Na calçada da rua do meu avô, próxima a Praça do Avião, eu pegava uma flor e olhava os carros, havia também o vendedor de brinquedos no semáforo e o melhor: quando vinha a chuva e a água descia forte pela rua, fazíamos barquinhos brancos de papel e colocávamos na enxurrada. Prédios, uns sobre os outros

3 Fragmentos do texto de Adriene Cunha Neri, acadêmica de Biblioteconomia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

4 Fragmentos do texto de Ana Lúcia Loureiro dos Santos, acadêmica de Geografia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

5 Fragmentos do texto de Ruth Campus R. Lima, acadêmica de Pedagogia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

surgia...⁶ Olhava as casas da varanda como uma fotografia imaginada, havia uma melancolia ao entardecer... sentia os cheiros de cajus maduros no chão de cascalho. Hoje há pessoas em profusão que parecem estar procurando alguma coisa que perderam nas vitrines das lojas. Cheiros na cidade, lugares de tons azuis, como um céu de uma pintura⁷. A cidade são os sabores variados da feira, os encontros agradáveis, o sorvetinho de suco de máquina branca já usada a bastante tempo! Uma avenida cheia de memórias minhas, com toda infância passada, viagens recheadas de lembranças⁸. A saudade está dentro de nós, é o trânsito caótico e um dia de domingo com pouca gente na rua. O passado não é só uma foto antiga, qualquer cinco minutos é passado e a nostalgia é natural... tudo mudou, talvez o jardim também, mas várias construções estão apenas começando!⁹

Ateliê de Sonhos, relicário de lembranças, espaços carregados de sentidos, lembranças de barquinhos brancos e do brilho escuro das jabuticabas, tudo que significa permanece nesse olhar temporal que é a memória. O ver aqui é associados a outros sentidos, destacando-se a sua importância para rememorar. O canto de *Mnemosyne* não vem sem rito: os odores do passado lembram dias, amores, lugares, assim como o gosto, sabores que provamos no tempo, traz pretéritos à tona, como a imagem sépia de uma fotografia é uma memória eternizada. Neste contexto da disciplina a memória foi associada à arte, destacando, com base em Freire (1997) e em outras obras, como a memória auxilia nesse processo de representar a cidade. Num primeiro momento a

6 Fragmentos do texto de Lorryne da Silva Ferreira, acadêmica de Pedagogia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

7 Fragmentos do texto de Tarantillio da Costa Grangeiro, acadêmico de Música, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

Fragmentos do texto de Paola de Souza Alves, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

8 Fragmentos do texto de Paola de Souza Alves, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

9 Fragmentos do texto de Luíza Pilar P. Leão, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

memória como representação e num segundo os significados dessas representações para uma interpretação intersubjetiva da cidade e suas paisagens.

PAISAGENS SENSÍVEIS: A ARTE DE VER E OLHAR

Compôs as aulas expositivas a análise semiótica de várias imagens. Detivemo-nos longamente nas telas de Magritte: *A condição Humana*, *A ponte de Heráclito*, *A poção*. Obras que figuram como metalinguagem da forma como observamos o mundo, dissertações visuais sobre a forma como nos relacionamos com as paisagens e as ilusões as quais podem incorrer nossa percepção, tal qual a metáfora inscrita na *A ponte de Heráclito* de Magritte. Cumming (1998) afirma que ver requer apenas o esforço de abrir os olhos; olhar, porém, significa abrir a mente e o intelecto. Assim, olhar para uma obra de arte é empreender uma viagem de descoberta. Foi com essa expectativa que partimos para tal viagem.

A observação da tela Vista da Cidade de Delft, da obra de Veermer, foi outro trabalho que nos detivemos. De acordo com Beckett (1997), para o escritor francês Marcel Proust, autor que focalizou todo o seu trabalho literário na redescoberta ativa e vigorosa da memória, a **Vista de Delft** era considerado o quadro mais belo do mundo. O quadro representa uma visão topográfica daquela cidade holandesa, na qual Veermer apenas descreve e reúne elementos essenciais da cidade e de seus acessos. Beckett (1997) afirma que há uma transcendência nessa descrição – a cidade que reluz para nós do outro lado das águas é tanto Delft quanto a Jerusalém Celeste, cidade de paz. A imagem oferece uma profunda variedade, não extravagante, na mistura singela de telhados e torres, igrejas e casas, zonas ensolaradas e faixas com sombras encantadoras:

Acima, o céu torna-se abóbada, as nuvens de chuva se erguem e se dispersam, a sublime área azul expande-se de modo quase visível. As diminutas figuras perto do cais mais próximo são essenciais: somos nós, ainda sem chegar à cidade [...] os barcos estão ancorados, e nenhum obstáculo se apresenta (BECKETT, 1997, p.210).

A memória trabalhada na representação artística e interseccionada com a nossa memória afetiva da cidade e dos lugares que vivemos foi um dos pontos de estudo e debate. A cidade está dentro de nós e o cotidiano é uma realidade maior, menos frágil assim como a cidade no quadro de Veermer. Essas imagens são invólucros de inteireza, guardados afetivos e esperançosos, como descreve Beckett (1997).

A COR DE UMA CIDADE

Qual é a cor de Goiânia?
...Formas que formam a forma
e forma a cidade....
Fachadas com rigor geométrico e ritmo linear
Planejada, projetada, pintada...
Quem pintou? Quem pinta?
As diversas faces...disfarçadas, esfaceladas, inacabadas
Reconstruídas...
Brancos, azuis, marrons, verde, furta-cor, prédios que brotam do
chão...
E a cor.... Me diz...
Que cor?
(Ana Lúcia Lourenço dos Santos)¹⁰

¹⁰Fragmentos do texto de Luíza Pilar P. Leão, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

Uma atividade puxou a outra, uma atividade ligou-se a outra. E a intertextualidade na arte foi um tema explorado para observar relações e conexões que nos ajudassem a compreender a própria polissemia do espaço, da paisagem e de suas representações.

A partir da leitura do quadro de Veermer e do reconhecimento da importância da cor na obra desse artista, do modo como este a observava, fora feita uma discussão filmográfica em torno do filme-romance “Moça com brinco de Pérola” inspirado na obra do pintor. O filme foi compreendido, tal como é, como um romance que faz uma citação da obra e nesta citação foram observados dois elementos básicos: como a fotografia do filme se intertextualiza com a pintura de Veermer e como a importância dos sentidos aparece em alguns diálogos, como por exemplo a afirmação de que “há cor nas nuvens e que é possível vê-las”, ou como a luz interfere no modo como vemos. O encadeamento do filme, os silêncios que ele sugere ou o gesto inscrito em seus sons colaboram para reforçar a citação e a referência à pintura:

A cidade de Delft representada na pintura é quase replicada no filme, recebe a cor e a temperatura empregadas por Vermeer... a trilha sonora composta por Alexandre Desplat, faz-nos mergulhar no enredo e nos perdermos nos brincos de pérola... Com naipes de cordas (violino, viola, cello, etc.) ouvimos sons de sopros como oboés e flautas e é claro, o piano como solistas fazendo a linha melódica da composição...Instrumentos de sons e timbres leves que ajudam a criar uma atmosfera envolvente que se funde a arquitetura da Cidade antiga de Delft e as pinturas de Vermeer, assim como, história do filme apresenta uma obra de arte em movimento.¹¹

¹¹ Fragmento do texto: Sentimentos a prova em cores e sons, produzido pelos acadêmicos Tarantillio da Costa Grangeiro (Música), Ana Lúcia L. Dos Santos (Geografia) e Adriene Cunha Neri (Biblioteconomia) no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

Em decorrência da importância perceptiva da cor e de seus significados, o exercício seguinte foi buscar a cor da cidade de Goiânia e descrevê-la. Após uma semana de exercício e pesquisa em torno desse elemento, concordamos com a predominância de alguns tons presentes no imaginário da cidade, que foram detectados pelos alunos: o amarelo e o verde. O amarelo remete ao ambiente construído e o verde devido às áreas verdes e parques que a cidade possui. Esses elementos foram detectados tanto na fala dos habitantes interrogados como, posteriormente, percebido em textos literários sobre a cidade, que foram apresentados pelos alunos em forma de seminários. Apoiou-nos, também, nestas atividades interligadas, a discussão teórica da obra *Paisagens Urbanas* de Peixoto (2004), para o qual as cidades são paisagens contemporâneas e campo de intersecção entre pintura e a fotografia, o cinema e o vídeo. Entre todas essas imagens e a arquitetura e nas quais vêm se somar também a escultura e a literatura. Para o autor, paisagens urbanas são um horizonte saturado de inscrições, depósito onde se acumulam vestígios de outros tempos, antigos monumentos, traços de memória e de imaginário. Ver o invisível nesta perspectiva é a tônica que nos ajuda a afinar a capacidade perceptiva e interpretativa:

A madrugada goiãna é poética com suas luzes, cores e formas, contornos dos bosques, fachadas de prédios e vielas inusitadas. A noite salta aos olhos o modo como os monumentos se transfiguram nas paisagens. O bambuzal quase canta.... A grama ressequida e iluminada pelo laranja das luzes dá uma sensação de estar em um tapete enorme e acolhedor. (sic)
....A cultura e a culinária goiana sempre estiveram rodeadas de cores, o amarelo ouro do Pequi e das pamonhas, o vermelho da pimenta malagueta em vidros decorados nas feiras, as Cavalhadas de Pirenópolis que mais parecem um arco-íris de tanto colorido. A praça cívica remete ao mar, com aquelas janelas

onduladas e azuis. Quando o vento sopra, falta apenas o cheiro do mar para ficar perfeito.¹²

Cidade Marco da modernidade. Riram quando perguntei sobre a cor de Goiânia. Minha mãe disse: é cinza menina com essa poluição, uma amiga: é verde, pois, afinal é tão arborizada! minha irmã: sei lá, talvez cor-de-rosa – eu adoro rosa! Cada povo tem a percepção de um mundo que lhe convém, a cor do mundo que lhe convém. E como me convém, que Goiânia seja dourada! Por que sua noite é dourada, dourada como o fogo, exatamente, o dourado de uma fogueira acesa.¹³

Goiânia tem cor amarela que é a cor da vitória, da prosperidade, energia crescimento, de flores festejando

O mercado de Campinas é tombado pelo Iphan e faz recordar os comércios antigos vistos nos filmes. Encontra-se fumo, ervas, artesanato, tecidos que remetem ao tempo, imagens de anos atrás. A fachada de cor amarela imponente e letreiro prata arredondado...¹⁴

Exercícios diversos nos levaram a olhar a cidade, sensíveis e metodologicamente nutridos pela discussão semiótica, pelo mundo perceptivo presente nas representações artísticas, nas obras de arte e no seu universo imaginário. Nesse ponto, em que paisagem, cor, luz e sensibilidade nos envolviam, como não retomar W.Benjamin? Foi essencial tocar nos grãos dourados de arte que pintam suas imagens do pensamento:

Fantásticos relatos de viajantes aquarelaram a cidade. Na verdade ela é cinzenta: um vermelho ou um ocre cinzento. E totalmente cinzenta na direção e do mar. No mínimo isso desentusiasma o cidadão. Pois quem não entende de formas tem pouco a ver aqui. A cidade é rochosa. Vista do alto, onde os ruídos não chegam,

¹² Fragmentos do texto de Adriene Cunha Neri, acadêmica de Biblioteconomia, produzido no contexto da Disciplina Núcleo Livre - Geografia da Arte.

¹³ Fragmentos do texto de Ana Lúcia Loureiro dos Santos, acadêmica de Geografia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

¹⁴ Fragmentos do texto de Lorrany da Silva Ferreira, acadêmica de Pedagogia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

do Castel San Martino, jaz no crepúsculo vespertino como que deserta, soldada à pedra. (BENJAMIN, 1995, p.147)

A descrição poético-interpretativa de Nápoles permitiu-nos retomar a experiência da flanerie, esse tema baudelairiano tão bem trabalhado por W. Benjamim (1989, 1995), para caminhar viver/observar nossa própria cidade. A experiência da flanerie, hidratada pela percepção merleauPontyana de ver o invisível, fez com que nos movêssemos de W. Benjamim a Ítalo Calvino.

INEXISTÊNCIAS? O SILENCIADO, O AUSENTE, O INVISÍVEL

Para Peixoto (2004) olhar a cidade é hoje um embate com uma superfície que não se deixa penetrar, não translúcida, repleta de invisíveis. Cidades sem janelas, um horizonte cada vez mais espesso, uma superfície que enruga, fende, descasca. Camadas de sedimentos, de coisas que se recusam a partir.

“Tudo é textura: o skyline funde-se e confunde-se com a calçada; olhar para cima equivale a voltar-se para o chão. A paisagem é um muro”...O invisível, não é porém, alguma coisa que esteja para além do que é visível. Mas simplesmente aquilo que não conseguimos ver. Ou ainda aquilo que torna possível a visão. (PEIXOTO, 2004, p.17)

Orientados por esse pensamento reflexivo, uma nova tarefa consistia em ajustar as lentes e buscar os silêncios, o invisível e as ausências na paisagem.

Paisagens ausentes remetem, neste contexto, à transformação, à mudança, aquilo que foi e já não é mais. A tudo que cedeu lugar, perdeu a transparência ou ainda aos espaços invisibilizados de outros tempos, ruínas quase secretas na paisagem. Os acontecimentos: uma trama

cotidiana que se repete e se modifica a cada dia, o efêmero e o eterno do ir e vir; as fachadas que mudam de proprietário, mudaram de nome, mudaram de cor, de forma. A dinâmica intensa de grandes e pequenas alterações que fabricam para cada dia da cidade uma crônica.

Nossa própria forma de habitar e interagir com o espaço, com os monumentos, com a paisagem, com o todo.

O lugar é predicado dos meus dias na cidade de Goiânia, é lugar de memórias, esculpidas em diferentes estados de espírito... Por estar no centro, este lugar converge em serviços, pessoas, carros, tudo acelerado! Para os olhos e os ouvidos, este é um ambiente de significados complexos, e de atmosfera densa, que traz em si as fumaças dos carros misturadas às fumaças dos espetinhos de carne. Essa impressão é de lá, quando quero esse tipo de sensação vou até lá buscar. E quando não quero vou também, porque lá é lugar de serviços, de trabalho, não é acaso, é rotina.¹⁵ Senti angústia e solidão, vazio, silêncio e paz...diante da Igreja Matriz, ao passar, percebi que sempre fiz o sinal da cruz. Senti o silêncio e um frescor de fim de tarde...o carrinho de pipoca no meio da praça, as luzes ao redor, a fonte iluminada. Um sossego, coisas que deixamos nos lugares por onde passamos. Coisas que deixei de ver. No cemitério, os túmulos velhos – uma sensação de fim tão grande – de ausência.¹⁶ (sic)

Ainda nesta perspectiva de buscar o invisível e os silêncios, mas sem perder o significado da dinâmica urbana utilizei uma imagem da escultura de Laura Vinci: Warm White de uma fotografia tirada na Exposição da obra na Pinacoteca do Estado de São Paulo, que havia visitado em 02 de janeiro de 2008. Imagem acompanhada do texto de Taisa Palhares¹⁷, que aprestava a obra na exposição, solicitei que,

¹⁵ Fragmentos do texto de Carla Beatriz Ferreira, acadêmica de Geografia, produzido no contexto da Disciplina Núcleo Livre - Geografia da Arte.

¹⁶ Fragmentos do texto de Paola de Souza Alves, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

¹⁷ Texto de apresentação da obra de Laura Vinci na Pinacoteca do Estado de São Paulo de autoria de Taisa Palhares, pesquisadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008.

a partir da escultura retratada na imagem e do texto que comentava a obra, se estabelecesse uma relação entre a dinâmica interativa de presença e ausência que a instalação de Laura Vinci poderia suscitar e a complexidade da cidade contemporânea – essa escultura também é composta de elementos tensos que se interagem e não se anulam: assim como a cidade é composta de espaços vazios e construídos, de partes enriquecidas e pobres, de fixos e fluxos, de permanências e transitoriedades. Ver esta poética escultórica como uma metáfora da própria dinâmica urbana foi um dos exercícios textuais propostos para analisar a relação Arte/Cidade, na tentativa de alcançar, a partir de uma nova perspectiva, a dinâmica urbana.

REDESCOBRINDO LUGARES E MONUMENTOS: UMA VISITA AO CARTÃO POSTAL

Como a sociedade interage com os monumentos e paisagens arquitetônicas? Que relações são estabelecidas com a arte urbana que, ao menos em tese, estaria diretamente relacionada com a vivência e o cotidiano dos habitantes? Como vemos os monumentos? Que relações essa forma de representação estabelecem com a memória e o imaginário? A partir dessas questões e na intenção de debatê-las, passamos a observar os monumentos na cidade e um dos instrumentos utilizados foram os cartões postais.

As imagens postais tiveram a função de emblemas da cidade, fruto de uma percepção afetiva e estética dos monumentos e das paisagens. Não raramente recriaram e recriam a vontade de “assistir o postal”. De acordo com Schapochnik (1998) o cartão postal é memória e imagem em deslocamento, comunica espaços, monumentos a serem admirados, inscrevem-se numa cartografia das lembranças e desejos:

Os cartões-postais são como um convite à viagem, uma prenda delicada àqueles que estão distantes. Imagens cuidadosamente escolhidas servem de moldura a juras de amor, reiteram plasticamente laços de amizade, perplexidade e encantamento. Impossível tentativa de enraizamento, o postal parece revelar o minucioso trabalho de incide na conquista da paisagem pelo olhar do viajante. A conjugação que se estabelece entre texto e imagem, sublinha a atitude deliberada do remetente em persuadir o destinatário a compartilhar, ao seu modo, o gosto da viagem. De uma maneira ou de outra, o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância. (SCHAPOCHNIK, 1998, p.424)

Procuramos, por nossa vez, estabelecer a relação entre a imagem postal e a paisagem, articulando representações. É importante lembrar que o trabalho com cartões postais, sua função na atualidade e o que ele representou no passado, foi antecedido por uma discussão da própria fotografia no âmbito semiótico, seu caráter de ícone, índice e representação a partir do real, com base na bibliografia específica que trata este tema. Assim os cartões postais foram distribuídos, analisados e em seguida a própria paisagem visitada e interpretada na sua relação intertextual com os cartões.

EM BUSCA DE UMA CIDADE INVISÍVEL

As cidades de Calvino Zaíra, Maurília, Olívia, assim como Otávia, Esmeraldina, entre outras, foram escolhidas e transcritas com uma pequena citação-convite, como segue no exemplo abaixo, sem a indicação de página para que os alunos ao longo da leitura do livro fossem descobrindo a cidade invisível que seria o foco de sua observação e comparação:

Zaíra: ...um canal que escoaa água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela...A cidade se embebe

como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata... a cidade não se conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades da janela, nos corrimãos das escadas... (CALVINO, 1997, p.14)

Maurília: [...] cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. (CALVINO, 1997, p.30)

Olívia: Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo exista uma relação entre eles. (CALVINO, 1997, p.54)

Após, ler e interpretar os textos de Calvino, o desafio fora relacioná-lo com nossas cidades contemporâneas, com seus detalhes, com seus gestos:

A cidade de Goiás, assim como Irene de Ítalo Calvino é a cidade de histórias mil, Cidade cercada por morros a noite... céu estrelado, casas iluminadas. Muitas janelas! Na procissão do fogaréu os participantes são faricocos de pés no chão que sobem e descem ruas de pedras, preservando a tradição com suas roupas que lhe escondem e tochas que, sozinhas, conseguem iluminar os olhos de quem passa e presencia a festa. O Rio Vermelho percorre a cidade e canta para ela por meio de suas corredeiras. A cidade é uma caixa de recordações.¹⁸

Em Anastácia o perfil melancólico encontra a visão avassaladora: Sobrevoadas por pipas, tem o odor do faisão dourado sobre a lenha seca das cerejeiras, uma cidade de desejos!¹⁹

Minha cidade é Cecília. Antes de conhecê-la, percorria suas ruas imaginárias, sentido-as alaranjadas, douradas, livres a correr por terras desconhecidas, bravias. Mas não posso falar de Cecília sem antes passar pelos caminhos que levam a ela... Os primeiros caminhos são assim, livres, belos, com contornos delicados, por isso....não podem ser tocados, só desejados, admirados... cidades móveis que se delineiam em curvas, tons e gestos de possibilidades de que um dia se terá. São caminhos de cidades

¹⁸Fragmentos do texto de Lorryne da Silva Ferreira, acadêmica de Pedagogia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

¹⁹Fragmentos do texto de Ruth Campus R. Lima, acadêmica de Pedagogia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

emblemáticas que vão se transformando em desejo e não desejo. Nesta trilha para Cecília passamos por outros caminhos que acabam por esquecer caminhos antigos, vão se tornando opacos... já não sabia separar Cecília de suas vizinhas, era um continuum de caminhos e descaminhos...Cecília hoje é abrigo dos lugares que servem de abrigo a outros lugares, já não se diferenciava o que está dentro e o que está fora... A cidade de Cecília remete a ideia das grandes metrópoles, apresenta uma infinidade de vida que se confundem pelo tecer de mundos que se cruzam.²⁰

As cidades trazem consigo marcas de transformações constantes ao longo de sua existência, desde sua ocupação territorial até o ideal de lugar habitável. Assim, vejo as cidades e suas histórias e estórias que vão sendo compartilhadas no decorrer dos tempos.²¹ A cidade de Leandra está na subdivisão "As cidades e o Nome", Calvino nos mostra a partir desta cidade uma relação hoje bastante presente nas cidades contemporâneas...começa falando de duas espécies de deuses que projetam a cidade, denominados Penates e Lares, que zombam e discutem a verdadeira essência das cidades. Calvino retrata Leandra como uma cidade cheia de conversas... como em Aparecida de Goiânia, onde apesar do crescimento acelerado, o aumento do número de habitantes, não morreu ainda a ideia de "cidade do interior", onde todos se conhecem, se encontram na missa dominical e esperam ansiosos pela festa da cidade... Ainda seguindo as palavras de Calvino, em Aparecida não se vive apenas de recordações, estão presentes na vida regional, na vida paroquiana, mas também há sonhos, projetos, conquistas, inovações, enfim como na cidade de Leandra. Acho claramente que este é o sentido das cidades...²²

As Cidades Invisíveis é uma referência literária importantíssima quando se trabalha com memória e imaginário urbano. Essas cidades narram paisagens imaginárias que falam de cartões postais,

²⁰Fragmentos do texto de Angelita Lopes, acadêmica de Geografia, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

²¹Fragmentos do texto de Leandro A. Teixeira, acadêmico de Artes Visuais, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte.

²²Fragmentos do texto de Paola de Souza Alves, acadêmica de História, produzido no contexto da Disciplina - Núcleo Livre - Geografia da Arte

monumentos, aspectos que vivem em nossas cidades. A obra foi essencial em si mesma e útil para inter-relacionarmos com todas outras atividades desenvolvidas, teorias expostas e conteúdos debatidos, além de figurar como uma transição entre o bloco 1 e 2 dos temas tratados, no qual adentramos para a abordagem da Geografia e Literatura.

AS PALAVRAS DA CIDADE OU A CIDADE DE PALAVRAS?

A oficina "As palavras da cidade ou a cidade de palavras" foi estruturada, principalmente, com base na obra de Kirinus (2006, 2008, 2011); inspirada na Oficina Literária "Lavra-Palavra". Nesta adaptação, porém, o pano de fundo fora a perspectiva da escrita dadaísta. Para esta atividade, que foi antecedida por aula expositiva sobre a relação entre a cidade e o livro com base na obra de Benjamin (1989, 1995), a primeira tarefa foi a partir do tema cidade, cada aluno buscar um rol de vinte palavras aleatórias que remetessem ao universo urbano e à sua sensibilidade. Na sequência da atividade, essas palavras pesquisadas foram recortadas e colocadas por todos numa embalagem transparente. Nesse ponto, uma "aula" *Lavra-Palavra* foi apresentada abordando a relação que podemos estabelecer com as palavras, com os seus segredos hermenêuticos, entre outros aspectos. Também nesta atividade ouvimos a música "Jornal de Serviço" – poema de Carlos Drummond de Andrade – interpretada por Adriana Calcanhoto – e discutimos suas possíveis implicações dadaístas.

Toda oficina, porém, pressupõe materiais – além das palavras, cola, tesoura, papel, recipiente transparente. Compôs também essa "caixa de ferramentas" um outro objeto lúdico-poético: uma palheta de palavras-cores, uma espécie de quebra-cabeças com a recomendação-título: "Olhe para o quadro e diga a cor, não a palavra", como demonstra

a figura 1. Além das cores trocadas na palavra que a nomeia, a palheta ainda traz a seguinte inscrição: “Conflito Esquerdo-Direito – A parte direita do seu cérebro tenta dizer a cor, mas o seu lado esquerdo insiste em ler a palavra! Funciona”. Esse objeto lúdico-poético serviu como metáfora para apresentar a perspectiva bachelardiana da imagem, para qual a verdadeira imagem, não é ícone, a verdadeira imagem nasce na palavra. A palavra poética imaginante:

[...] Ora, a imaginação reprodutora mascara e entrava a imaginação criadora. Em última análise, o verdadeiro campo da imaginação criadora não é a pintura, mas a obra literária, a palavra, a frase. Então, como a forma representa poucas coisas! Como a matéria comanda!...Existem, diz Balzac, “mistérios escondidos em toda palavra humana”. Mas o verdadeiro mistério não está necessariamente nas origens, nas raízes, nas formas antigas...Palavras há que se acham em plena floração, em plena vida, palavras que o passado não havia concluído, que os antigos não conheceram tão belas, palavras que são jóias misteriosas de uma língua [...] (BACHELARD, 2002, p.194, grifos nossos)

A partir dessa fundamentação, todos os alunos sortearam palavras às quais deveriam utilizar numa escrita sobre o tema cidade. Evidentemente, as palavras sorteadas por cada um não foram as que o aluno, individualmente, pesquisou e selecionou. Essa junção deu caráter coletivo ao processo. Cada qual teve o desafio de escrever um texto temático tendo que, necessariamente, utilizar palavras que lhe chegaram prontas, avulsas, impulsivas.

A importância dessa atividade reside fundamentalmente em “dar a partida”, no sentido bachelardiano, do ato criativo e fazer fluir a escrita, a sensibilidade diante de cada tema. A imaginação e a criação é o objetivo central, assim como no Lavra-Palavra :

[...] Não com a finalidade de oferecer-lhe “técnicas” prontas, as quais, por sua vez seriam repassadas aos alunos. Mas a de



Figura 1 - Objeto lúdico-poético: Palheta de Palavras-Cores/Conflito Esquerdo-Direito.

oferecer para o professor possibilidades de resgatar suas palavras e de provoca-lo no sentido de refletir sobre a linguagem poética, além de oferecer o contato com a literatura...Toda infância é vulnerável ao fascínio das palavras. Os poetas, escritores, músicos tem a oportunidade de manifestar publicamente tal fascínio. Mas a infância sonora independe de qualquer título, patente, ou profissão posterior, goza igualmente deste lavra-palavra em estado natural. (KIRINUS, 2008, p.98)

O resultado desse processo foram trabalhos instigantes. Foi uma espécie de estival festivo de uma outra escrita sobre o espaço. Anagrama depositário de palavras sobre cidades. Ruas, praças, casas, edifícios, calçadas, muros, bancos, coretos, pedras, anjos, tendas, vitrines, casarios amarelos, cúpulas, catedrais, carros, parques,

fontes, estátuas constituíram chaves de uma descrição. Um gradiente de inscrições imanentes onde a paisagem e o cotidiano afloram. Clavenário de saberes da urbe desmedida, ecos, tecedura e tecelagem proliferante de suburbanos subúrbios. Elã imaginal de vernizes arquitetônicos. Uma cidade onírica em que se vive, emergente em cada texto. Um cotidiano em que os relógios definem o que é o tempo e, nele, avenidas latejam pulsantes. Para além desse tempo rápido, multiplicaram-se retratos da cidade que esconde uma memória das pontes, dos álamos, das chaminés, do roseiral nos jardins das casas singelas, das águas-furtadas nos telhados vermelho ocre, do gosto de caramelo e o odor fumegante do fogão de lenha. Uma textura de tempos silenciados, um espaço que nos remete ao labirinto de Ariadne... Tranças de construções, ferros expostos, ocos e sobrevoos por vértices visíveis. Faróis e paralelepípedos que fazem da cidade um chão de estrelas por onde as pessoas transitam, trafegam, correm. Um grande empório de máscaras que, diuturnamente, se reproduzem em cubos infinitos. Todas as cidades se fundindo na Metrópole: cidade mãe, de mãos e ventres. E é assim que o índice abaixo, em forma de seleção, dos textos apresentados pelos discentes, de certo modo, ilustra esta “edição” da janela caleidoscópica:

O jeca da alameda (Ana Lúcia L. dos Santos)

Memórias da Cidade (Angelita Lopes)

Palavras que transformam (Ana Maria G. Cordeiro)

Em busca do inatingível (Paola Alves)

O poder da memória (Ruth Campos R. Lima)

Me pediram para escrever 20 palavras avulsas... (Luíza P. P. Leão)

Sinta a Cidade (Lorrayne da Silva Ferreira)

Imagem só (Tarantilha da Costa Granjeiro)

Subjetividade, intersubjetividade, experiências e percepção do cotidiano completaram o processo de criação desencadeado para ver e interpretar a cidade.

Por fim, esse bloco que contemplava “A cidade e a literatura” contou com o interlúdio da palestra “A Escrita Sensível” proferida, no contexto da disciplina, pelo Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (Universidade Federal de Goiás), abordando sobre a escrita criativa, a experiência poética, o trânsito entre o simbólico e o político manifesto no dizer; linguagem e identidade e, fundamentalmente, sobre o dentro profundo que contém o mundo da escrita:

As coisas têm um além que a escrita palmilha. O além é o dentro profundo, a procura. O inconsciente derrapa e escreve sem querer escrever – o secreto, o oculto, a surpresa – todo mundo escreve, mas o modo como se escreve revela a singularidade; é a declaração de uma trajetória. O singular na vida reconhece a si mesmo na argamassa geral [...] (CHAVEIRO, 2011, Informação Verbal).

A disciplina concluiu-se e teve este trajeto singular, com esses materiais e com essa experiência descrita. Mas a sua proposta constitui um leque sempre aberto, poderia e pode ser ministrada com outros instrumentais, outras obras, outras referências, a partir da mesma ementa, do mesmo programa. Pois, trabalhar com elementos da cultura em última instância é deparar-se com muitas portas de entrada. O mais importante, porém, é que consiste numa proposta cujo desafio é pensar o espaço, o lugar, a paisagem de uma maneira criativa e reflexiva ao mesmo tempo, reforçando o papel da imaginação no processo de conhecimento. Nisto reside o seu sentido.

A JANELA E O CALEIDOSCÓPIO

A janela e o caleidoscópio foram metáforas do modo como articulamos cidade/arte/imaginário/memória/paisagem. Metáforas que discutimos para delinear a maneira como vemos o mundo. Além do projetor de imagens, do vídeo e dos recursos tradicionais usados numa sala de aula do ensino superior, o caleidoscópio foi outro objeto lúdico-poético que utilizamos. Tal fato decorreu do fato de alguns alunos ainda não terem visto um caleidoscópio. Foi uma boa experiência levá-lo para o manuseio e, de certo modo, “materializar” a metáfora. E mesmo para aqueles que já conheciam esse brinquedo foi importante o contato, uma espécie de retomada da infância, evidentemente sem infantilizar, agradável e sensível, que permitiu também pensar sobre objetos lúdico-poéticos, sua importância para a criação, o pensamento e o conhecimento. A janela, mas, sobretudo, o **caleidoscópio** – uma metáfora tantas vezes reiterada na literatura que utilizamos – para pensar nas imagens que contemplamos, cenas, fotografias, pinturas – As janelas, pelas quais vemos o mundo, os caleidoscópios, com os quais articulamos a multiplicidade do mundo, combinados em tantos giros e gestos. Lentes, recortes, molduras – a sensibilidade entrecortou as distâncias possíveis e nos entrelaçou entres as palavras e a movência de compreender/sentir que algo mudou, foi acrescentado e que jamais nos seria tirado: as experiências compartilhadas ao som de uma estreia, um começo, descobertas, outras possibilidades.

Cada turma é única em si mesma, ainda que seguindo o mesmo programa, uma mesma ementa: as perguntas, aquilo que o conteúdo suscita, não se repetirão! Cada grupo, na sua singularidade, faz um tempo, uma história, forma um quadro único. Uma segunda vez na experiência também modifica a primeira, estendendo-se num cabedal infinito.

A tentativa neste relato, foi esboçar um panorama da experiência, não sendo possível, evidentemente, apresentar toda profundidade dos dias e os detalhes de todas as discussões, atividades e propostas, tampouco foi possível apresentar o conjunto dos textos produzidos pelos alunos, apenas uma mostra em formas de fragmentos. Tenho, por vezes, a observação de que o relato é aquém da experiência! Infelizmente, a polifonia dilui-se no tempo e mesmo nesse registro já há uma perda.

Um programa pensando para a **Geografia da Arte** foi a argamassa, mas a sua execução foi um trabalho o tempo todo artesanal – um artesanato de saberes, de métodos, de formas – um artesanato de ensinar e de aprender, que pode permitir a cada artesão de saberes multiplicar esse universo.

Ao final, gostei muitíssimo da avaliação dos alunos, e entre tantas falas alguns disseram: “foi curioso perceber como antes da disciplina deixava de ver tanta coisa e foi muito bonito esse despertar. Passei a ver com os olhos do coração, a admirar!” Ou ainda: “essas aulas, não foram só para um currículo! Foram aulas para a vida!” ☺

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade**: sua fruição no fenômeno do educar. Salvador: Edufba, 2008.
- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BECKETT, Wendy. **História da Pintura**. São Paulo: Ática, 1997.

A janela calendoscópica: educação e sensibilidade através da geografia da arte
Valéria Cristina Pereira da Silva

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAVEIRO, Eguimar F. **A escrita sensível**. Palestra Proferida na Universidade Federal de Goiás em Goiânia, em novembro de 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC/ANNABLUME/FAPESP, 1997.

KIRINUS, Glória. **Lavra-Palavra**: recados da boca do bárbaro. Oficina literária apresentada no XIV Ciclo de Estudos sobre Imaginário: As dimensões imaginárias da natureza. Congresso Internacional, Recife: UFPE, 2006.

KIRINUS, Glória. **Criança e poesia na pedagogia de Freinet**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 425-511.

Submetido em Janeiro de 2012.

Revisado em Fevereiro de 2012.

Aceito em Fevereiro de 2012.